



Monteiro amarga prejuízo: apostou no consumo nos primeiros meses do Real

Carros usados em baixa

Na contramão de quem se deu bem nos negócios em 1995, a grande maioria dos empresários tem mil e uma razões para reclamar. Exemplos de maus negócios é que não faltam.

Dono de uma agência de automóveis, na 711 Norte, a Solar Veículos, Antonio Alves Monteiro, apostou no consumo, no final de 1994, e tomou dinheiro emprestado para aumentar os estoques.

As vendas e os preços dos carros caíram no ano passado, por conta da diminuição dos prazos de financiamento e da alta dos juros. Agora, ele tem dívidas com bancos para liquidar até o final do ano.

A compra de uma camionete Ford F-1000 cabine dupla, ano 94, feita por Monteiro, há um ano, no valor de R\$ 42 mil, é um exemplo do que aconteceu com o comércio de carros usados. Há poucos dias, ele vendeu o veículo por R\$ 34 mil.

Dos dez funcionários, que tinha, Monteiro manteve dois, um vigia e

um lavador de carros. O seu estoque caiu de 40 para 12 veículos.

Há um mês, ele vendeu, por R\$ 145 mil, um prédio na 712 Norte, para equilibrar as contas. “Estou há 22 anos no ramo e tenho um nome a zelar”, consola-se Monteiro.

“Foi um ano horroroso”, resume o presidente da Associação das Agências de Veículos do DF, Cleber Pires. Segundo ele, 20% das lojas do setor fecharam em 1995 e mais de mil pessoas foram demitidas.

Gráficas — O setor gráfico que de acordo com levantamento da Fibra foi um dos que mais teve perdas, deve o fraco desempenho à ausência de seu maior cliente: o setor público.

“Os ministérios da Saúde e da Educação, que sempre faziam mais encomendas, não apareceram”, diz o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas, Antonio Navarro.

A crise afastou duas gráficas tradicionais que foram para outros estados, a Ideal e a Brasileira. (RP)